

RUBEM BRAGA

## A VIRADA

TENHO tido notícias as mais variadas das reações que a virada de Moscou está produzindo entre os intelectuais comunistas. Todos, é claro, ficaram mais ou menos perplexos, e cada um a seu modo procura vencer essa perplexidade. Uns se confessam aliviados; dizem reconhecer que havia coisas no stalinismo que lhes pareciam erradas e criticáveis, e que apenas não as criticavam para não «levar água ao moinho da reação», segundo a fórmula consagrada. Outros tentam defender, ainda agora, mesmo as piores dessas coisas como «males necessários» a certa altura e que só agora é possível dispensar. Num ponto, está claro, eles são unânimes: em detestar as alusões que a gente, de fora, faz a essa virada... o que, afinal de contas, é humano.

O que me parece merecer um pouco de reflexão é o fato de que o stalinismo entre nós, como em outros países capitalistas, não significa apenas uma atitude em relação à política russa; o que me parece grave é que ele importa em um estilo de pensar, de agir e mesmo de sentir. Esse estilo se caracteriza pela brutalidade, pelo anti-intelectualismo, pela aversão a toda crítica verdadeira, pelo desprezo à verdade. Sua marca é a subserviência mental, é a demissão do espírito. Fulano é um grande poeta, Sicrano é um excelente pintor. Mas se Fulano e Sicrano dizem ou fazem alguma coisa fora da «linha», no mesmo instante aquele é um verzejador ridículo e este um pobre pintamonos. «Nosso Chefe» propõe Beltrano para candidato à presidência da República. Se um João qualquer diz que não vota em Beltrano porque o conhece melhor que o «Nosso Chefe», e sabe que ele é um pilantra e um incapaz — João imediatamente passa a ser policial, fascista, comprado por Wall Street, capanga intelectual de Hitler, da Standard Oil, etc., etc., espião, cínico, imoral. Se mais tarde fica provado que Beltrano era realmente um calhorda, não importa. «Nosso Chefe» continua a ter razão, tanto assim que ele faz uma «auto-crítica» estigmatizando os desvios de nossa organização, etc.

Esse desarranjo mental se baseia numa coisa muito bonita que é a fé. Fé no socialismo, portanto fé no partido, portanto fé no Chefe... Rapazes que por inconformismo mental, por revolta sincera contra os espetáculos de injustiças, opressões e misérias do capitalismo, por espírito de crítica e generosidade de propósitos abraçaram o socialismo, se transformam, em um tempo espantosamente curto, em homens duros de coração, dispostos a pactuar com todas as injustiças, explicar toda a opressão, justificar toda a miséria, renunciar a todo inconformismo e a todo espírito de crítica — a bem da Causa...

Alberto Moravia diz em seu belo estudo «A Esperança» que o Cristianismo só venceu quando incorporou todos os elementos positivos e vitais do paganismo e, assim, o esvaziou de conteúdo. E junta: «assim também pensamos que o mundo liberal só se esvaziará quando o melhor dele tiver passado para o comunismo, e, em certo sentido, o comunismo se tiver tornado liberal».

Nos últimos 20 anos tínhamos visto a tendência contrária: o comunismo não incorporando, mas rejugando os melhores valores da civilização burguesa, o que ela tem de mais humano e de superior. A campanha anti-stalinista não é apenas uma «linha» nova a seguir, uma outra «virada» a obedecer; só terá alguma importância na medida em que for uma nova atitude de cada comunista diante de si mesmo e dos outros homens, uma revisão, um novo estilo de pensar, e, portanto, de agir.